



# TUBERCULOSE

6.ª SÉRIE (1949) (6)

Maio 1949

Instituto de Assistência Nacional aos Tuberculosos

Avenida 24 de Julho  
L I S B O A



Telef.: 2 6761



V. E X. <sup>a</sup>

encontrará certamente:



Antiga Casa

José  
Alexandre

8 - Rua Garrett - 18

LISBOA

Na nossa

*Secção de Ménage*

*tudo o que precisar para  
sua casa*

Na nossa

*Secção*

*de "Novidades",  
os melhores cristais,  
louça, talheres, etc.*

Na nossa

*Secção Hoteleira*

*tudo para hotéis, restau-  
rantes, Companhias de  
Navegação, Sanatórios,  
Bars, etc.*

∫

Representantes

exclusivos para Portugal  
e Colónias

da afamada marca

«CHRISTOFLE»

*talheres de primeira qualidade,  
lâminas de aço inoxidável, tra-  
vessas, bules, cafeteiras e todos  
os acessórios para serviço de mesa*



# *L. Rosa Neves*

---

Calçada da Mouraria, 14

TELEFONE

28076

●

Camas - Colchões - Divãs - Móveis  
Estofos

---

---

CASA FUNDADA EM

1895


---

---

*SALÕES DE EXPOSIÇÃO  
NAS LOJAS E NO 1.º ANDAR*

*DE BONITAS MOBÍLIAS  
COMPLETAS E PEÇAS SOLTAS*

**por preços só possível  
no Fabricante**





# CONSERTAM-SE

## SERINGAS

De todas as marcas, ficando como novas, por técnicos especializados. Pontas em vidro ou em metal. Embolos. Seringas Vesicais e Fischer.

## MATERIAL DE LABORATÓRIO

Fazemos soldaduras, rolhas esmeriladas e toda a aparelhagem, mediante amostra ou desenho.

## APARELHOS CIRURGIA

Consertos em todos os géneros. Cromagem, niquelagem, amolações por técnico especializado

O maior sortido em Seringas, Agulhas, Adesivos, Termómetros • Luvas cirurgicas Vidros laboratório • Material cirúrgico (Enviamos à cobrança sem mais aumentos)

*Dario Correia*

RUA MORAIS SOARES, 60  
LISBOA

# Companhia Industrial Portuguesa

Sociedade Anónima de Responsabilidade Limitada

A dubos químicos, orgânicos e compostos  
Superfosfatos e ácidos sulfúricos

**Sede em Lisboa: Praça D. João da Câmara, 11-3.**

Telefones:

2 4 7 5 6 → 2 6 1 0 5 — S E D E

Endereço Telegráfico: «SANIRIA»

Código: «RIBEIRO»

ARMAZÉM DE VIDROS: Telefone 2 4493

MARINHA GRANDE — Tel. N.º 24

VIDROS - CRISTAIS E LUSTRES

GESSOS DE ESTUQUE - LENHITES

PÓVOA DE SANTA IRIA - Tel. N.º 4

MINAS - C. R. — Telefone N.º 192

ÓBIDOS (Coldas da Rainha) Tel. N.º 4

DOIS PRODUTOS

A N D R A D E

## Dextrocálcio-Cê

GLUCONATO DE CÁLCIO PURO

SOLUTO A 10% — 5 C. C.

ÁCIDO L-ASCÓRBICO A 5% — 2 C. C.

## Splenol vitaminado

Soluto oleoso de cinamato de benzilo, oleato de colestérina,  
extracto esplénico e hepático, cânfora, vitamina A-D

**LABORATÓRIOS DA FARMACIA ANDRADE, LDA.**

Direcção técnica de:

A. Baião Falcão

António Nunes

Prof. M. Pinheiro Nunes

123, R. do Alecrim, 127

= LISBOA =

Telef. 23446



WESTINGHOUSE ELECTRIC INTERNATIONAL CO.

**RAIOS X**

E

**ACESSÓRIOS**

**ELECTROMEDICINA**

**ELECTRODENTARIA**



REPRESENTANTE EXCLUSIVO

**SANITAS**

**CORTEZ PINTO & PIMENTEL, LDA.**

RUA D. JOÃO V, 24 (ÁS AMOREIRAS)

LISBOA

**SALA DE EXPOSIÇÃO**





Vista parcial das fábricas centrais da CIBA SOCIÉTÉ ANONYME, Basileia (Suíça)

ESPECIALIDADES FARMACÊUTICAS  
PRODUTOS QUÍMICOS  
CORANTES PARA MICROSCOPIA

PRODUTOS CIBA, LIMITADA  
Rua Gonçalves Crespo, 35  
LISBOA



# TUBERCULOSE

Boletim do Instituto de Assistência Nacional  
aos Tuberculosos

6.<sup>a</sup> Série  
(Vol. 3) N.º 6

**MAIO 1949**



COMISSÃO EXECUTIVA  
DOMÍLIO DE CARVALHO

INSTITUTO DE ASSISTÊNCIA NACIONAL AOS TUBERCULOSOS

Avenida 24 de Julho

L I S B O A





*S. M. a Rainha D. Amelia  
Veneranda Fundadora da A. N. T.*





# Conselho Central

Corpos gerentes da Assistência Nacional aos Tuberculosos em 1899

## CONSELHO CENTRAL

Presidente — *S. Majestade a Rainha*

- 2.º Presidente — *Marquês da Praia e de Monforte*  
1.º Vice-Presidente — *José Maria dos Santos*  
2.º Vice-Presidente — *José Joaquim da Silva Amado*  
    Tesoureiro — *António Augusto Pereira de Miranda*  
    Advogado — *Vicente Rodrigues Monteiro*  
Secretário Geral — *D. António Maria de Lancastre*  
    1.º Secretário — *Carlos Roma du Bocage*  
    2.º Secretário — *Guilherme Maria da Silva Jones*  
    Vogais — *Conde de Ficalho*  
            — *Conde de Casal Ribeiro*  
            — *José Curry de Câmara Cabral*  
            — *Policarpo Pecquet Ferreira dos Anjos*

## COMISSÃO EXECUTIVA

- Presidente — *D. António Maria de Lancastre*  
Secretário — *Guilherme Faria da Silva Jones*  
    Vogais — *Conde de Casal Ribeiro*  
            — *António Augusto Pereira de Miranda*  
            — *Vicente Rodrigues Monteiro*

## CONSELHO FISCAL

*António Augusto de Carvalho Monteiro*  
*Francisco Augusto de Oliveira Feijão*  
*Manuel de Castro Guimarães*

## COMISSÃO TÉCNICA

Presidente — *Alfredo da Costa*  
Secretário — *Sebastião da Costa-Sacadura*  
Vogais — *Alfredo dos Santos Figueiredo*  
— *António Augusto Duval Telles*  
— *Carlos Bello de Moraes*  
— *Carlos Joaquim Tavares*  
— *Fernando Eduardo de Serpa Pimentel*  
— *José Luiz Monteiro*

## GRANDE COMISSÃO DE PROPAGANDA

Presidente — *S. Majestade El-Rei*

Vice-Presidente — *José Curry da Câmara Cabral*

1.º Secretário — *Alfredo Luiz Lopes*

2.º Secretário — *Frederico P. Palha*

## SUB-COMISSÃO DE PROFILAXIA

Presidente — *Ricardo Jorge*

Secretário — *José Joaquim de Almeida*

Vogais — *Anibal Bettencourt*

— *Ayres Kopke*

— *Custódio Cabeça*

— *Henrique Mouton*

## SUB-COMISSÃO DE ESTUDO E ESTATÍSTICA

Presidente — *Manuel António Moreira Júnior*

Secretário — *Arthur Ravara*

Vogais — *Augusto de Vasconcelos*

— *Hygino de Sousa*

— *José Maria Damas Mora*

— *Zeferino Falcão*



## SUB-COMISSÃO DE ZELADORES

Presidente — *Cardeal Patriarca de Lisboa*  
 Vice-Presidente — *Duquesa de Palmela*  
 Secretários — *D. João Alarcão*  
                   — *Alberto de Moraes Carvalho*  
                   e  
                   450 Vogais

## SUB-COMISSÃO DE FESTAS

Presidente — *Conde de Sabugosa*  
 Secretários — *D. Maria do Patrocinio de Barros Lima d'Almeida*  
                   — *Nuno Queriol*  
                   — *Jayme Arthur da Costa Pinto*  
                   e  
                   104 Vogais

## SUB-COMISSÃO DE DIVULGAÇÃO

Presidente — *José Curry da Câmara Cabral*  
 Secretários — *Alfredo Luís Lopes*  
                   — *José Fernandes Costa*  
                   e  
                   91 Vogais

## SUB-COMISSÃO DAS SUBSCRIÇÕES

Presidente — *Arcebispo de Mitylene*  
 Secretários — *D. Maria Ignácia de Sousa Botelho de Brederode*  
                   — *D. Mariana Casal Ribeiro de Carvalho*  
                   — *Frederico Palha*  
                   — *Monsenhôr Carlos Alberto Martins Rego*  
                   e  
                   97 Vogais





ANTÓNIO DE LANCASTRE



# TUBERCULOSE

Boletim do Instituto de Assistência Nacional aos Tuberculosos

Vol. 3-N.º 6.º

MAIO 1949

6.ª Série—15.º Ano

## Assistência Nacional aos Tuberculosos

1899 — 1949

O dia 11 de Junho de 1899 marca uma data memorável nos anais da Assistência em Portugal.

Uma Rainha devotada à causa dos pobres de saúde e de recursos materiais, desde há muito se impressionara com os quadros de miséria que ia conhecendo nas casas que visitava, nos hospitais que percorria e em que a tuberculose era predominantemente a nota mais sombria e ameaçadora. Decidira, pois, dedicar-se ao serviço dos tuberculosos. Queria construir «*Hospitais Marítimos; fundar Sanatórios em clima de montanha; estabelecer Hospícios, asilos ou enfermarias privativos para isolamento, criar institutos regionais de observação, estudo e tratamento da tuberculose e distribuição de socorros aos doentes desta moléstia e suas famílias; centralizar e fortalecer quaisquer meios de acção preventivos do aumento da tuberculose*» e para tanto apelava para «*a generosidade dos que podem, para a ciência dos que sabem, para a boa vontade de todos*» e rematava o seu apêlo caloroso, afirmando, num preito de sentida homenagem e de justiça, que não esqueceria o que está «*na memória de todos, o apostolado que Sousa Martins fez do tratamento dos tísicos pela acção benéfica dos climas; e para que se não esqueça nunca aquele que tanto trabalhou pelo bem dos nossos pobres tísicos*», desejava que o primeiro Sanatório a fundar tivesse o nome do Mestre insigne.

Não clamou no deserto a bondosíssima Rainha, Senhora D. Amélia, quando, em 11 de Junho de 1899, na sessão histórica da Sala do Conselho de Estado do Ministério do Reino, perante uma assembleia composta de algumas centenas de personalidades ilustres, lançou assim as bases da sua Assistência Nacional aos Tuberculosos.

Ao seu chamamento acudiu, em nome da ciência, uma pleiade numerosa de médicos e professores ilustres, contando-se entre tantos outros, Alfredo da Costa, Alfredo Luís Lopes, António d'Azevedo, Aires



Kopke, Anibal Bettencourt, Augusto de Vasconcelos, Belo de Morais, Carlos Tavares, Carlos França, Camara Pestana, Costa Sacadura, Custódio Cabeça, Curry Cabral, Daniel de Matos, Filomeno da Câmara, Henrique Mouton, José António Serrano, Júlio Dantas, José de Magalhães, José Joaquim d'Almeida, Marck Athias, Moreira Júnior, Oliveira Feijão, Ricardo Jorge, Sabino Coelho, Silva Amado, Silva Carvalho, Sousa Refoios, Zeferino Falcão, Tomaz de Melo Breyner e, sobressaindo a todos, avultando nesta constelação de nomes, o cooperador máximo da Excelsa Rainha, António de Lancastre, que foi o grande organizador da A. N. T.

A resposta dada pela «generosidade dos que podem» e «pela boa vontade de todos», logo se consubstanciou na soma avultada que a subscrição atingiu nessa mesma tarde. Por sua parte, o Govêrno, pela voz do seu Presidente do Conselho, prometia o auxilio do Estado para a generosa iniciativa de S. Magestade e no parlamento era apresentada uma proposta de lei, de que o Prof. Moreira Júnior foi o relator e que veio a ser convertida na Carta de lei de 17 de Agosto desse ano.

Nesse importante diploma ficou estabelecido conceder um subsídio anual do Estado, na importância de 20.000\$000 reis;

o subsídio das câmaras municipais que seria obrigatoriamente inscrito nos respectivos orçamentos;

a entrega, por parte das instituições de piedade, da décima parte da receita ordinária que, nos termos do art.º 253.º, n.º 5.º do Código Administrativo, eram obrigadas a aplicar a actos ou estabelecimentos de beneficência;

a contribuição de um por cento das quotas dos sócios das associações de recreio e o produto de multas.

Aprovados os estatutos da Instituição nascente, o Conselho Central, sob a Presidência da Rainha, nomeava a sua Comissão executiva, dirigida por António de Lancastre e criava uma comissão técnica, sob a direcção de Alfredo da Costa.

El-Rei D. Carlos assumiu a Presidência da Grande Comissão de Propaganda, em que estavam integradas as sub-comissões de profilaxia com Ricardo Jorge, de estudo e estatística com Moreira Júnior, a das festas presidida pelo Conde de Sabugosa, a da subscrição nacional a que pertencia o Arcebispo de Mitylene e a dos zeladores sob a égide do Cardeal Patriarca.

Em curto prazo, estavam inscritos no caderno dos associados 310 sócios fundadores 1921 sócios ordinários e 141 sócios auxiliares, produzindo as suas quotas respectivamente o rendimento anual de 79.040\$000 reis, 10.281\$900 reis e 141\$000 reis.



Ao mesmo passo que as possibilidades materiais davam ensanchas para a recém-nascida Instituição preparar o seu armamento, sob o impulso dinamisante da sua augusta Criadora, que frequentemente visitava a sua Obra e pessoalmente dirigia o serviço social do Dispensário de Lisboa, outras Obras iam sendo articuladas com a da A. N. T., designadamente o Instituto Bacteriológico, fundado também em 1899 por iniciativa de Sua Magestade, sendo cometido ao Dr. Ayres Kopke o encargo dos serviços laboratoriais da tuberculose.

Os Dispensários distribuíam, segundo as informações obtidas pelo inquérito assistencial, alimentos, roupas, camas, desinfectantes, e as Obras do Lactário e das Cozinhas Económicas da Duqueza de Palmela colaboravam carinhosamente nesta cruzada beneficente.

Aberto em 6 de Junho de 1900, com 34 leitos para crianças, o Sanatório do Outão, cujo edificio fôra cedido por El-Rei, era inaugurado, no ano seguinte, o Dispensário de Lisboa, instalado provisoriamente na casa que tem o número 22 na rua do Alecrim, sob a proficiente direcção de Alfredo Luís Lopes.

«Durante os 319 dias» — lê-se no relatório desses ano — «em que houve serviço clínico, concorreram 5.496 enfermos, perfazendo um total de 53.864 consultas e tratamentos».

Além destes, mais 1791 enfermos não tuberculosos ali tiveram a primeira consulta, sendo orientados no que lhes convinha fazer, a bem da saúde e a 7.625 individuos, que cohabitavam com tuberculosos, foram prestados serviços de desinfecção e de outras modalidades de profilaxia, num total, pois, de cerca de 15.000 pessoas, mais ou menos directamente protegidas pelo Dispensário, durante um ano, com importantes socorros de ordem higiênica, médica e económica.

A breve trecho, a crescente frequência impunha a necessidade do desdobramento das consultas.

Proseguia a campanha contra a tuberculose. Tomaz Ribeiro e José Joaquim d'Almeida adaptavam a internamento para crianças o Forte do Junqueiro, hoje Sanatório Marítimo Dr. José d'Almeida e Fernandes Calheiros em Outão, António Cagigal em Bragança, Arantes Pereira no Porto, Pereira d'Assis em Faro, Tiago d'Almeida em Viana do Castelo, Lopo de Carvalho (Pai) na Guarda, Rodrigues Gusmão em Portalegre, são os pioneiros desta cruzada, que, sob a inspiração redentora da Rainha, se iniciou tão cheia de promessas e tão prometedora de consolações.

Lançados os alicerces seguros desta grande Obra, com o entusiasmo de tantos, nem sempre, mesmo nessa época heróica, ela obteve o justo aplauso de todos. A justiça dos homens não raramente se esconde atrás

das paixões. Antônio de Lancastre, porém, firme nas suas ideias, comentava com benévola superioridade: «*De todas as obras humanas há dissidentes. E ainda bem. Da variabilidade do sentir é que nasce todo o progresso. Mesmo a inveja e a ironia não devem maguar; são as eternas colaboradoras da realização das ideias, tantas são as vezes em que os sentimentos que se contradizem se auxiliam*».

Mais poderia dizer ainda o organizador da A. N. T.

Quando, em 1899, Calmette veio a Portugal, por motivo da peste bubônica que então flagelava a cidade do Porto, teve o ilustre médico francês oportunidade de conhecer o programa que se propunha realizar a Assistência Nacional aos Tuberculosos.

Expoz-lhe Lancastre qual era a missão que destinava ao seu tipo de dispensário, mais ampla que a adoptada por Robert Philip.

Calmette aproveitou a ideia e, antes de inaugurado o dispensário de Lisboa, já em Lille existia o dispensário que ali se chamou «tipo Calmette». Quando nos Congressos anti-tuberculosos de Londres e Viena e no Congresso Internacional de Madrid se preconizou a necessidade de múltiplos dispensários, espalhados por cidades, vilas e aldeias, já alguns anos antes, no programa que referimos, estava incluída a criação desses estabelecimentos.

As críticas, a que o Dr. Antônio de Lancastre chamava delicadamente uma modalidade de colaboração, perduraram pelos tempos adiante. Já a Conferência de Varzovia havia consagrado a obra dos dispensários anti-tuberculosos e ainda entre nós, à mesa do café, se afirmava que eles eram *dispensáveis*. O mundo compraz-se na contradição.

A 50 anos de distância, porém, é tempo de apreciarmos, com justiça e gratidão, as pessoas pelas obras a que se devotaram e estas pelos benefícios que produziram.

A Rainha doou-nos o esquema duma grande Fundação social. Quando as intempéries a levaram para longe de nós, deixou os cinco primeiros dispensários articulados com dois sanatórios marítimos, dois de planície, um de montanha e lançadas as bases de novas construções, impondo à nossa consciência o dever de prossequirmos no desenvolvimento da Obra, a que dera tão desvelado carinho.

Para tanto, não faltaram dedicações, mas nem José Joaquim de Almeida, sucessor de Antônio de Lancastre, durante os anos perturbados da vida nacional, nem Cassiano Neves, espirito gentilissimo, assoberbado de dificuldades que não logrou vencer, nem mesmo Lopo de Carvalho, que com o seu dinamismo conseguiu desenvolver um movimento de simpatia pela luta contra a tuberculose, puderam suprir a falta da Rai-



nha, junto da instituição que havia criado e que continuava a subsidiar com tanto amor.

Por outro lado, a propaganda, que a partir de 1931 se intensificou e permitiu que a lotação dos sanatórios aumentasse e a obra dos dispensários prosseguisse em ritmo mais acelerado, evidenciou a breve trecho um crescente número de casos, a que o armamento da A. N. T. não podia ainda dar solução. Exigia-se uma mobilização de recursos, de que só o Estado poderia dispôr.

Bem o entendeu o Governo da Nação, quando, em 1945, criou o Instituto de Assistência Nacional aos Tuberculosos, que sucedeu à benemérita instituição fundada em 1899 e assim, os Hospitais de Repouso de Lisboa e Porto, então projectados, encontraram a breve prazo, realidade nos elegantes pavilhões do Sanatório Popular D. Carlos I e no sumptuoso Sanatório D. Manuel II. O que existe hoje de novo ou renovado é a consagração do que há cinquenta anos se premeditara. É por isso grato dever nosso, neste dia jubilar do cinquentenário da A. N. T., render igual preito de homenagem à benemerência dos que a criaram e ao esforço admirável dos que tomaram a peito engrandecê-la.

Meio século é curto prazo na vida do mundo. É longo período na vida dos homens. A morte já fez colheita rendosa na maioria dos que, pelas eminentes faculdades do seu espírito ou pelas prodigalidades do seu coração bemfazejo, foram colaboradores prestimosos da bondosa Rainha.

Vivem, porém, felizmente os Prof. Moreira Júnior e Costa Sacadura que pertenceram, um à Comissão de estudo e estatística, outro à Comissão técnica, o Dr. João Ulrich, que entrou, em 1902, para o Conselho Central de que era Presidente S. M. a Rainha e o Dr. Samuel Maia que, com Alfredo Luís Lopes e mais tarde com Henrique Mouton, trabalhou dedicadamente no dispensário de Lisboa, desde o início do seu funcionamento.

Num requinte de gentileza acederam todos eles à solicitação que lhes foi dirigida, dignando-se honrar as páginas deste Boletim com sentidas palavras dum brilho inapagável.

11 de Junho de 1949.

*Albano Castello Branco*

Director do I. A. N. T.





Professor Costa-Sacadura  
*Da Academia Real das Ciências de Lisboa*

## A obra da Assistência Nacional aos Tuberculosos e a Rainha Senhora D. Amélia

Através de algumas cartas inéditas

Se entre muitas outras excelsas virtudes que exornam o carácter da Senhora D. Amélia de Orleans e Bragança, mais não houvesse do que as que se referem às obras de assistência que criou em Portugal, estas sobriariam para a impôr à gratidão de todos os portugueses, e mais que a todos aos humildes que tanto protegeu e que eternamente a elegeram Rainha do seu coração.

Essas suas três criações admiráveis que aí perduram o testemunham bem alto e claro — a Assistência Nacional aos Tuberculosos, o Instituto Bacteriológico Câmara Pestana e o Dispensário de Alcântara.

À primeira, fundada há 50 anos (Junho de 1899), esteve o autor destas linhas ligado, pois que entre várias comissões então nomeadas que do assunto tiveram de tratar, isto é, de converter em realidade o sonho da Rainha, a Comissão Técnica secretariou, saído um ano antes da Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa onde concluíra o curso. A ela presidia o insigne professor doutor Alfredo da Costa e constituíam-a os não menos notáveis professores da mesma Escola Carlos Tavares, médico da Real Câmara, e Belo de Moraes, o distintíssimo médico Santos de Figueiredo e os engenheiros do Paço Duval Teles e Fernando de Serpa Pimentel.

Desapareceram já as seis figuras eminentes desta Comissão. Vive apenas o Secretário, a mais humilde, depositário zeloso de cópias das actas, apontamentos e pareceres apresentados e largamente discutidos

durante as muitas sessões efectuadas, e cuja publicação, já um dia projectada de colaboração com o seu ilustre colega Dr. Pacheco de Miranda, antigo Director do Sanatório Popular do Lumiar onde prestou relevantíssimos serviços, por circunstâncias várias foi posta de banda, Seria deveras interessante para a história da obra grandiosa que foi a Assistência Nacional aos Tuberculosos na sua primeira fase.

Por idênticas circunstâncias sou ainda depositário de importantes documentos, tais como algumas cartas da excelsa Rainha para a Senhora D. Maria Emília Brandão Palha e para S. E. o Senhor Cardeal D. Américo, bispo que foi da diocese do Porto, que à mesma obra se referem.

E ainda no meu arquivo se guardam três cartas de Madame Marthe Dessaignes, *née* de Lalain-Chamely, fundadora em França de um modelar «Asile pour les jeunes poitrinaires», datadas de Junho de 1884, Julho e Outubro de 1889, deveras interessantes pela troca de impressões que encerram sobre a organização de instituições desta especialidade.

Não se trata, porém, de fazer agora uma história que está por fazer e bom e oportuno seria que se fizesse. Trata-se apenas de fornecer para essa mesma história, que como toda a História só sobre documentos pode fazer-se, alguns elementos justificativos da homenagem devida a Sua Majestade a Rainha Senhora D. Amélia, pela concepção, criação e realização da benemérita e humanitária Assistência Nacional aos Tuberculosos. E não é só render preito aos primores do seu coração, à sua acrisolada bondade pelos que sofrem, mas muito mais ainda — ao seu alto critério científico, ao saber e bom senso com que apreciava o confronto entre a opinião de dois Professores eminentes, dois Mestres que tanto brilho deram à ciência médica portuguesa no final do século XIX, os Professores Feijão e Lancaster. O espírito científico da Rainha tudo abrangeu, prevalecendo mesmo ao parecer dos mais competentes sobre a construção, organização e funcionamento da sua Obra!

Dispensam toda a crítica (fazê-la seria mesmo uma irreverência) as cartas que o leitor vai saborear com respeito, emoção e interesse.

As suas expressões são radiantes de clareza, de precisão, de inteligência e de saber. Simplesmente admiráveis!

A transcrição destas cartas, que pela primeira vez, devidamente para tanto autorizado, se revelam a todos os portugueses, são a maior homenagem que pode prestar-se à excelsa Rainha, homenagem que sentida e respeitosa mente lhe rende o mais obscuro e humilde colaborador da sua Obra.



## AS CARTAS

### À Senhora D. Maria Emília Brandão Palha

Paço de Villa Viçosa

Chère Madame Palha

Votre lettre m'a causé un grand plaisir, en me montrant encore une fois combien nous devons maintenir nos résolutions et nous attacher à cette oeuvre si belle. Laissez-moi vous dire encore combien je suis heureuse que vous vous soyez adressée à moi, me permettant ainsi de m'associer de tout coeur à votre pensée.

J'ai causé de tout cela avec le Prince; il me charge de vous dire qu'il est complètement de votre avis, et qu'il trouve les personnes que vous proposez très bien choisies.

Ainsi, chère Madame Palha, nous voici plus que jamais décidées, et il ne s'agit plus que de nous mettre à l'oeuvre. Nous retournons à Lisbonne sans doute lundi prochain, et nous comptons y rester quelques jours avant d'aller à Cintra. Soit à Belem, soit à Relogio, j'aurai grand plaisir à vous voir et à causer longuement avec vous de ce qui nous intéresse tant. Je crois que l'entrée de l'hiver est le meilleur moment pour faire notre souscription; presque tout le monde est à Lisbonne, et on n'est pas fatigué, comme à cette époque-ci de l'année, par tous les bazars et fêtes de charité. D'ailleurs nous aurons le loisir de discuter tout cela. Nous emploierons donc notre temps d'ici à la souscription à choisir le meilleur emplacement pour notre asile, en à faire tous les plans dont vous me parlez, en un mot à préparer un petit rapport destiné à nos *victimes*.

Je ne vous dirai qu'un mot sur la direction, c'est que je trouve aussi qu'il est infiniment préférable de n'avoir qu'un seul médecin.

Je vous prie, chère Madame Palha, de me croire toujours.

Votre bien affectionnée,

Amélie, Duchesse de Bragança

Cintra, 26 Juillet 1889

Chère Madame Palha,

Comme bien vous pouvez le croire je pense toujours à notre grand projet, que je voudrais déjà voir réalisé. Pour le moment je crois, comme nous l'avions dit, que nous n'avons qu'à discuter les plans, l'organisation, le local etc. pour avoir tout cela prêt et décidé au commencement de l'hiver. Telles m'a dit qu'il n'attendait que les documents que doit lui remettre le Dr. Costa pour se mettre à l'oeuvre.

Je dois maintenant vous faire part d'une opinion du Prince qui m'a un peu tourmentée. Il dit que les hôpitaux, ou plutôt les hospices doivent être ou pour les tuberculeux, ou pour les anémiques, jamais pour les deux cas réunis; parceque, pour mieux isolés que soient les anémiques, dans un hôpital ou il existera des tuberculeux la contagion existera toujours à l'égard des premiers.

Plus tard, si nos ressources augmentent, nous pourrions avoir deux établissements distincts, mais, pour le moment, l'avis du Prince est que nous devons avoir ou un hôpital pour tuberculeux, ou alors, ce qu'il croit beaucoup plus utile, un hospice pour anémiques, parceque, en soignant l'anémie on évitera, la plupart des fois, le développement terrible de la phtisie.

Ceci exposé, je vous demande, chère Madame Palha de me dire franchement votre opinion sur un point aussi important. J'ai pensé à consulter aussi ceux des médecins du palais dont l'avis peut nous être utile.

On construit (disent les journaux) un hospice pour tuberculeux à Gerez et à Serra d'Estrella, mais les pauvres jeunes filles que l'anémie conduit forcément à la phtisie, qui s'en occupe?

Le local où nous fonderons notre *premier* hospice est aussi une des questions le plus à étudier.



Je trouve aussi, et surtout si nous nous occupons des anémiques, que l'asile ne saurait être bien éloigné de Lisbonne.

Je désire beaucoup avoir l'occasion de vous revoir et de causer avec vous, mais comme je viens de vous dire ce que je trouvais le plus pressé, je vous demande seulement de me répondre par lettre, et si un jour vous veniez à Cintra, de me le faire dire pour être sûre de me trouver.

Je vous prie, Chère Madame Palha, de me croire toujours

Votre bien affectionnée,

Amélie, Duchesse de Bragança

Cintra, 16 Août 1889.

Chère Madame Pa'ha,

Je n'ai pu vous envoyer plus tôt les réponses aux questions que nous voulions résoudre; j'ai voulu causer longuement avec Feijão et Lencastre et résumer le mieux possible leurs opinions.

J'ai été très contente de ces conversations, car tous deux s'accordent à trouver à *notre oeuvre* une utilité de premier ordre. Je suis donc plus confiante et plus enthousiasmée que jamais.

Voici ce que m'a dit Feijão:

Il ne faut pas songer à mettre dans un même établissement les anémiques et les phtisiques. — Feijão trouve qu'il est de toute utilité de créer un hôpital uniquement pour les tuberculeux, mais les conditions où nous désirons fonder notre asile, l'engagent à nous conseiller de nous attacher aux anémiques et aux débilités prédisposés à la phtisie. L'hôpital Stéphanie ne remplit en rien ces conditions. (Je crois, chère Madame Pa'ha, que nous avons parlé d'admettre les jeunes filles et les enfants jusqu'à un certain âge).

Une des causes de la phtisie est l'hérédité; nous devrions donc admettre les enfants nés de parents tuberculeux et nous efforcer de combattre le terrible germe. L'anémie conduit quelquefois à la phtisie, mais plus rarement qu'on ne le pense.

*Sur la question* qui s'était posée; — que devons-nous faire des anémiques qui deviennent phtisiques après leur admission à l'asile — la réponse de Feijão est celle-ci: avoir un bâtiment complètement indépendant et séparé du corps de logis. Ce bâtiment doit contenir plusieurs infir-

meries destinées à un nombre restreint de malades seulement ceux qui se trouveront dans cette éventualité.

*Sur la question:* Peut-il y avoir contagion entre les candidates à la phthisie, celles dont les tubercules ne sont pas encore reconnus, et les anémiques?

Formellement — non, aucune contagion n'est possible avant la formation reconnue des tubercules.

*Sur la question du local:* L'opinion formelle de Feijão est que, pour les phthisiques ou les tuberculeux, seul un asile construit sur les hauteurs peut être de quelque utilité. Il faut cependant que ces hauteurs réunissent toutes les conditions voulues. Pour ce qui est des anémiques, des débilités, des prédisposés d'une façon quelconque à la phthisie, les hauteurs cessent d'être indispensables. Il faut choisir un local suffisamment loin d'une grande ville, plutôt élevé qu'enfoncé dans une vallée et, *condition indispensable*, que les bâtiments soient situés au milieu de jardins ou de bois de pins. Caneças ou le bois de pins derrière Estoril paraissent bien choisis.

*Sur la question* — Devons-nous construire plusieurs bâtiments complètement isolés et indépendants, ou un seul corps de logis comprenant plusieurs pavillons séparés les uns des autres, mais reliés à un bâtiment central où seraient la cuisine, les bureaux, etc.? Feijão trouve que le desideratum serait de mettre chaque malade *chez lui*, mais qu'il serait insensé d'y songer, étant donné l'incalculable augmentation de dépenses que cela occasionnerait. Il nous conseille donc le plan du corps de logis avec plusieurs pavillons s'y rattachant. Chacun de ces pavillons ne contient qu'une infirmerie. C'est, je crois, le plan proposé par Telles. Enfin, il faut penser à une infirmerie pour les malades atteints de maladies contagieuses qui peuvent survenir, telles que la rougeole, la petite vérole, etc.

*Le Dispensaire* dans les conditions où nous pensons l'établir est de toute utilité.

*Autre question importante* — Feijão trouve que, dans un hospice devant avoir le développement que nous désirons donner au nôtre, il est de toute nécessité d'avoir un médecin attaché à l'établissement, en dehors de ceux qui peuvent former le comité de surveillance ou être appelés en consultation.

Voici maintenant l'opinion de Lancastre, qui ne diffère guère de celle de Feijão, sauf sur la question de construction.

Lancastre divise en plusieurs groupes les tuberculeux ou phthisiques. Le premier de ces groupes est celui des *tuberculisables*, de tous



ceux qui, pour une raison ou pour une autre, forment un terrain tout préparé à la tuberculose. Le groupe comprend :

- Les fils de tuberculeux,
- » » » scrofuleux,
- » » d'individus à maladies chroniques.

Tous les individus réalisant un de ces états d'anémie, de lymphatisme ou de scrofule.

Nous devons donc fonder notre hôpital en vue de ce premier groupe, malheureusement si nombreux. Suivant Lencastre, un régime fortifiant, des soins intelligents, et l'air de la campagne pourront guérir entièrement nombre de ceux qui, restant dans leur milieu, devenaient infailliblement phtisiques.

*La contagion* existe, indiscutable entre les *phtisiques* proprement dits et les prédisposés, mais toutes les *tuberculoses* ne sont pas contagieuses. Il n'y a aucune contagion possible entre les *candidates* à la phtisie et les autres malades.

*Sur la question*: Que devons-nous faire des tuberculisables qui deviennent phtisiques après leur admission à l'hôpital? La réponse de Lencastre est la même que celle de Feijão. Avoir un pavillon complètement séparé du corps de logis. Nous devons aussi avoir une ou plutôt plusieurs infirmeries pour les maladies contagieuses qui peuvent survenir.

*Sur la question du local*: L'opinion de Lencastre est que les hauteurs conviennent à certains tuberculeux mais non à tous. En tous cas, pour le premier groupe, elles ne sont point nécessaires. Pour ce groupe, l'air de la mer est une des meilleures conditions. Nous pouvons donc facilement établir notre hôpital dans les environs de Lisbonne. L'influence directe de l'air de mer s'arrête à trois cents mètres. Lencastre trouve le Pinhal da Guia situé près de Cascaes, préférable à tous les autres points. — Aucun inconvénient à craindre pour les habitants de Cascaes. — Guia réunit toutes les conditions désirables; de plus, et si l'avenir nous le permet, une partie du *second* groupe de tuberculeux pourrait y être efficacement soigné dans un autre établissement voisin du premier.

*Sur la construction*: Sur ce point, l'opinion de Lencastre est formelle; il n'admet qu'un système, celui de *Tollet*, en briques et en fer; il dit que c'est le seul qui permette de désinfecter complètement les infirmeries, et il réproouve *absolument* les pavillons séparés les uns des autres et réunis au corps de bâtiment. Chaque infirmerie ne doit pas contenir

plus de douze malades. Nous devons aussi établir des cheminées qui, en plus du chauffage, ont l'avantage d'augmenter la ventilation.

Le *Dispensaire* est de la plus grande utilité, non seulement pour les admissions à notre hôpital, mais encore, une fois convenablement installé, pour nous permettre de donner des consultations et des remèdes gratuits, et même de soigner nombre d'enfants qui ne seraient pas admis dans les hôpitaux, ou dont leurs mères ne voudraient pas se séparer.

Lancastre nous engage à penser à l'asile du Rato, où, grâce à plusieurs conditions déjà réunies, le dispensaire pourrait être établi à moins de frais.

Pour la construction de l'hôpital, le Prince me charge de vous dire qu'il est d'avis que nous devons suivre l'opinion de Lancastre.

Il approuve également le choix du Pinhal da Guia.

Nous pouvons donc résumer ainsi les réponses des deux docteurs:

- 1.<sup>o</sup> — Un hôpital pour les *tuberculisables*, jeunes filles ou enfants.
- 2.<sup>o</sup> — La contagion existe, indiscutable, entre les phtisiques et les prédisposés: toutes les tuberculoses ne sont pas contagieuses; il n'y a aucune contagion entre les *candidats* à la phtisie et les autres malades.
- 3.<sup>o</sup> — Une infirmerie absolument séparée pour les *tuberculisables* devenus phtisiques après leur admission à l'hôpital.
- 4.<sup>o</sup> — Une infirmerie pour les maladies contagieuses.
- 5.<sup>o</sup> — Le local peut être choisi dans les environs de Lisbonne; le Pinhal da Guia, près de Cascaes, est le site qui réunit les meilleures conditions.
- 6.<sup>o</sup> — Il semble préférable de construire l'hôpital d'après le système Tollet.
- 7.<sup>o</sup> — Un dispensaire à Lisbonne.

Voilà, chère Madame Palha, le résultat de mes consultations, je vous envoie un vrai volume de termes techniques, mais je crois que nous avons toutes les réponses que nous désirions pour établir les plans, et savoir nous-mêmes bien à quoi nous en tenir.

Je compte sur vous pour conférer avec le Dr. Costa et Telles. Je crains de m'être lancée dans des explications au-dessus de mes forces, mais comment les éviter, lorsque je voulais être mise le plus possible au courant de ce qui nous intéresse tant. Sur ce, chère Madame Palha, je vous prie de me croire toujours,

Votre bien affectionnée,

Amélie, Duchesse de Bragança



Cintra, 23 Août 1889

Chère Madame Palha

Je reçois à l'instant votre lettre, qui m'a fait bien grand plaisir; je vois notre oeuvre en si bon chemin! Je ne vous parlerai pas de tous les éloges que vous me faites, et que je mérite aussi peu qu'il est possible.

Je trouve de toute utilité que le Dr. Costa, un des premiers, avec vous, qui ait eu l'honneur de cette idée, ait avec Feijão, Lancastre et Telles une conférence où les plans définitifs soient arrêtés, et après laquelle on pourra commencer les projets. Je vous serai donc reconnaissante de transmettre mon désir à ces Messieurs. Telles vient ici mercredi, mais si la conférence n'a pas eu lieu d'ici-là, il ira à Lisbonne le jour que vous lui ferez savoir.

L'idée de chaque malade *chez lui* était en effet un beau rêve, mais je crois bien qu'il faudra nous en tenir au système Tollet.

Je serai en tous cas, très désireuse de connaître le résultat de la conférence.

En attendant, je vous prie, chère Madame Palha, de me croire toujours,

Votre bien affectionnée,

Amélia, Duchesse de Bragança



## A S. E. O Senhor Cardeal D. Americo Bispo do Porto

Lisboa, dia 13 d'Abril de 96

Meu Caro Cardeal,

Esperava ter o gosto de o ver em Lisboa n'um ou outro dia da Semana Santa, e tencionava fallar-lhe então d'uma coisa que muito tenho a peito. Infelizmente a sua saude não está tão boa como muito desejava que fosse e por isto tenho que lhe escrever para fallar-lhe do Dispensario que se vae abrir no Porto. Quero pedir ao Cardeal que queira proteger esta instituição pela qual tenho o maior interesse. Vi os bons resultados obtidos no Dispensario de Lisboa e pensei que no Porto podia esta obra fazer algum bem ás creanças pobres.

Sei bem o interesse que o Cardeal toma em todas as obras de Caridade, e sei mais que esta lh'o ha de merecer, o que será para mim uma grande satisfação.

Peço-lhe, meu caro Cardeal, que me creia sempre e com o maior respeito,

Sua muito affeioada,

Amelia





## A RAINHA

Rondava ainda os vinte anos; era recém-chegado de Coimbra, quando Sua Majestade a Rainha — em extremo de benevolência — se serviu designar-me para, no Conselho Central da Assistência Nacional aos Tuberculosos, ir ocupar o cargo que, por doente, meu sogro — o Conde de Casal Ribeiro — fora compelido a abandonar.

Que confusão foi no meu espírito quando, pela primeira vez, tive a honra de, sob a Presidência de Sua Magestade, assistir à sessão daquele Conselho! Foi no alto mar — lembro-me bem — a bordo do Yatch Real Amélia, rumo ao Outão, onde a convite gentilíssimo da Rainha íamos visitar o Sanatório para crianças, inaugurado dois anos antes, mas onde se haviam introduzido modificações e melhoramentos que só então — estamos em 1902 — se concluíram.

Mas, à natural perturbação que me causou o ver-me, assim, emparceirado com algumas das mais eminentes individualidades da nação, em volta da nossa Régia Presidente, rapidamente se seguiu um verdadeiro encantamento, tão complacente acolhimento Sua Majestade me dispensou, com tão afável generosidade os meus *colegas* — com que envaidecimento assim os nomeava! — me receberam.

Logo, nesse meu primeiro encontro com a Rainha, desvanecidamente, me impressionou o carinhosíssimo interesse com que Sua Magestade falava e se ocupava e preocupava com quanto à Assistência Nacional aos Tuberculosos e aos seus protegidos dizia respeito.

De tudo tinha conhecimento, sobre tudo que se projectava queria estar informada, tudo pretendia saber e acompanhar, tudo orientava superiormente e com o superior critério que era o complemento da caridade sem fim de seu coração bondosíssimo. Que proveitosas lições de misericordiosos sentimentos se recebiam na convivência com Sua Magestade!



E era de ver a respeitosa e sincera veneração que à Rainha tributavam todos aqueles que Ela honrara com a escolha e nomeação para seus colaboradores.

Homens cujos méritos e autoridade estavam, de há muito, consagrados nos mais variados sectores da actividade nacional; homens cujos serviços ao país e à ciência ninguém havia que ousasse, sequer, pôr em dúvida, todos, à uma e convictamente, envolviam a Rainha no respeito e na admiração que os altos predicados de Sua Majestade de sobra justificavam.

Lembro-me que naquele areópago se encontravam reunidos o nosso segundo Presidente, o venerando Marquês da Praia e Monforte, a quem, como vice-Presidente, coadjuvava José Maria dos Santos; os insignes mestres da medicina Curry Cabral e Silva Amado; o inolvidável Provedor da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa e financeiro de merecida nomeada António Augusto Pereira de Miranda; o eminente juriconsulto Vicente Monteiro, figura máxima do Foro Português; o proficiente engenheiro e diplomata Carlos du Bocage e, a completar esta pleiade «*de grandes homens*», o Conde de Sabugosa, Policarpo Anjos, o médico Dr. Guilherme da Silva Jones e eu...! Que ironia...!

Mas, entre aquele portentoso conjunto de altos valores, alguém havia que — a dentro da Instituição — a todos sobrelevava e... de que maneira!

Era o D. António de Lancastre.

A Rainha, com a admirável justeza do seu espírito, investira-o no elevado posto de Secretário Geral.

Era ele — e foi-o desde a primeira hora — a alma da Assistência Nacional aos Tuberculosos. Foi ele que, com o seu grande talento, invulgar ciência, inexcédível devoção e prestigiosa autoridade, tudo planeou, tudo estudou, tudo dirigiu, vindo encontrar em nós, que o cercávamos e o aplaudíamos, apenas a concordância admirativa pelo acerto das suas concepções, pela grandeza da sua visão, pelas suas previdentes iniciativas, pelo extenuante trabalho e tempo que consagrava à obra da Rainha, que obra sua própria era também, na autorizada apreciação de Sua Majestade.

Nas reuniões do Conselho era de encanto verificar a convicção, a clareza com que Lancastre expunha as suas ideias, os seus pontos de vista; os aplausos com que os seus pares — como ele mestres consagrados da medicina portuguesa — com ele concordavam; a perfeição com que ele havia encarado os diversos aspectos dos casos, dos problemas a resolver. A sua análise, cuidadosa e proficiente, descia aos mínimos pormenores; era completo e exaustivo o estudo das questões



sobre que éramos chamados a pronunciar-nos, e era de grande interesse assistir às controvérsias — aliás sempre elevadas e ilucidativas — de Lancastre com os componentes do Conselho de mais especial competência nos aspectos focados: Pereira de Miranda, na parte financeira; Vicente Monteiro no aspecto jurídico; Carlos du Bocage, na secção de obras e edificações; os professores da Faculdade e o Dr. Guilherme Jones no capítulo clínico. E não me recordo de decisão que haja sido adoptada sem a unânimidade entusiástica de todos nós.

Ao inaugurar-se a actual sede da Assistência Nacional aos Tuberculosos — em Abril de 1906 — no magnífico discurso que, então, proferiu, disse Lancastre que, no mesmo bronze em que se fundiram os nomes, inscritos em redor do edifício, dos ilustres sábios que, devotadamente, se consagraram ao estudo da tuberculose e à defesa da humanidade contra tamanho flagelo, se fundira o nome da Rainha que ao Instituto ficaria a enaltecer perpétuamente: «INSTITUTO RAINHA D. AMÉLIA».

Justo seria, também, que no mesmo bronze se esculpisse o nome de António de Lancastre e que, naquela casa, e para todo o sempre, em lugar de honra, este nome ficasse inscrito como o do mais notável dos colaboradores que a Rainha soube trazer para o seu lado e colocar em posição de merecido relevo; como o do mais valioso orientador da campanha anti-tuberculosa a que a Assistência Nacional aos Tuberculosos meteu ombros com inegável benefício da Nação e entusiástico e agradecido aplauso de todos os portugueses.

\* \* \*

Sou hoje — dolorosa confissão! — o único que resta daquele grupo de egrégias figuras em que a minha insignificância sobremodo destoava; sou o único, dos do Conselho da Rainha, que pode testemunhar, por conhecimento pessoal e directo, o que foram os primeiros passos desta benemerente instituição: a Assistência Nacional aos Tuberculosos.

Tive a honra de acompanhar a Rainha em quase todas as iniciativas que se tomaram; nunca em Sua Majestade encontrei um desfalecimento: mesmo nos momentos difíceis — que em tão vasta organização e complexa montagem de serviços se tornam inevitáveis a nossa Rêgia Presidente tinha sempre a palavra que anima, o gesto que conforta; dava, inalteravelmente, o exemplo da confiante serenidade que havia de solucionar as situações.

A nenhum sacrifício Sua Majestade se poupava; continuamente,

o seu estímulo a todos dava alento para fazer «*mais e melhor*», a sua presença a todos envaidecia e galvanizava.

Nunca a Rainha procurou evitar cancelas, nunca se esquivou a incómodos e trabalhos, nunca com a sua Augusta Presença deixou de honrar os actos e solenidades em que a sua assistência era necessária ou, apenas, desejável.

Em 1900, ao abrir as suas portas o Sanatório do Outão, Sua Majestade era presente; em 1901 inaugurava o modesto dispensário da Rua do Alecrim, em Lisboa; em 1906 dignificava com a sua presidência o acto inaugural do edificio, sede definitiva, da Assistência Nacional aos Tuberculosos ali à Avenida 24 de Julho; em 1907 lá fomos todos à Guarda, acompanhar a Rainha na solene inauguração do Sanatório Sousa Martins.

E quão frequentes, demoradas e sempre inesperadas, eram as suas visitas ao Dispensário de Lisboa!

Com que interesse Sua Majestade se inteirava e acompanhava os serviços; que palavras de incitamento e de agradecimento sabia dizer, sentidamente, aos distintos clínicos que, naquele posto, exerciam a sua caritativa tarefa; com que carinhosa generosidade amparava os pobres doentes que acorriam em procura de alívios para seus males!

Eco do que, então, era, foi o que no actual dispensário de Lisboa se passou ao ser visitado por Sua Majestade por ocasião da sua ainda recente vinda a Portugal. Os doentes beijavam-lhe as mãos agradecidos e o povo, em cântico com eles, aclamavam-na «SENHORA E RAINHA DE BEM FAZER»; os médicos, alguns ainda do seu tempo, acompanhavam-na comovidamente, e todos nós, emocionados, admirávamos tanta bondade, tanta generosidade, tanta caridade e o seu grande, o seu inextinguível interesse, o seu muito bem querer pela SUA Assistência, o seu muito amor por esta terra de Portugal e pela sua gente, que sempre lhe foi tão querida e à qual jamais deixou de querer, enternecida e devotadamente.

BENDITA SEJA A RAINHA !

*João Henrique Ulrich*



## Uma carta do prof. Moreira Júnior

*...Dr. Albano Castello Branco*

Tive a honra de receber carta sua, datada de 22 do corrente.

Deseja o meu caro Dr. Castello Branco que escreva «Duas linhas», relativamente à Assistência Nacional aos Tuberculosos, ao completar esta 50 anos de existência, laboriosa e profícua.

Já desapareceram muitos dos que assistiram à Sessão de 11 de Junho de 1899, dia em que se realizou com grande concorrência, entusiasmo e brilho, a Sessão na sala do Conselho de Estado, sob o patrocínio da Excelsa Senhora, felizmente ainda viva, Rainha de Portugal, que tão profundas admiração e veneração criou no País, em virtude de múltiplas obras de assistência a que se devotou com fervorosa solicitude e ainda segue com desvelado carinho.

Talvez se não recorde, e por tal motivo aqui o refiro, que a sessão, que foi luzentíssima, resultou do apêlo que fiz no Parlamento á Rainha bondosíssima para se pôr á frente da campanha humanitária contra a tuberculose.

Não foi longo o discurso mas foi sentido, impressionante e incisivo, havendo sido posta em sombria evidência a mortalidade, proveniente da doença inclemente, muito especialmente na mortalidade pulmonar.

Em vários jornais, mas especialmente nas «Novidades», em artigo editorial, devido á pena prestigiosa do insigne jornalista — Emydio Navarro — foi feita a mais cativante referência e acentuado o alcance da campanha anti-tuberculosa.

Foi esta oração, aliás desprezenciosamente proferida, o início da luta contra a doença devastadora.

Acedeu à minha solicitação a bondosíssima Rainha, que recordamos sempre com eternecida veneração, tão acrisolada em múltiplas obras de caridosa assistência.



Sessão memorável essa foi, havendo nela figurado políticos de todas as côres, médicos, financeiros e representantes das diferentes classes sociais.

A política não veio perturbar as resoluções tomadas.

A colaboração na obra humanitária foi unânime.

Fui Presidente da Comissão de Estatística, uma das várias que nessa sessão foram estabelecidas.

Por meu convite, com aplauso completo de Sua Magestade a Rainha, fizeram parte da referida Comissão, entre outras distintas individualidades, o Dr. Hygino de Sousa e o Prof. Augusto de Vasconcelos, republicanos convictos que aquiesceram a meu convite, sem uma reticência, o que tornou penhorantíssimo o seu valioso concurso. As almas nobres revelam-se sempre.

A acção fecunda da Assisténcia Nacional aos Tuberculosos é reconhecimento de todos e tem sido referida nos seus relatórios e boletins.

Seria imperdoável, porém, que não enaltecesse o trabalho constante, devotadíssimo e deveras benéfico do Dr. D. António de Lancastre, que a morte já nos levou, e foi cooperador máximo da Grande Rainha a quem o País tanto deve.

O Meu Caro Dr. Castello Branco honra sobremaneira as suas tradições, em trabalho árduo e valiosíssimo.

É-me grato fazer estas justas referências.

Queria o Dr. Castello Branco «Duas linhas minhas».

Ahi vão, juntamente com as minhas homenagens pelo seu trabalho admirável, revelador das grandes qualidades do seu coração.

Creia-me sempre

Colega Admirador e Amigo reconhecido

a)... *Moreira Júnior*

## No princípio da A. N. T.

Há meio século, no termo do meu curso médico apresentava-se calamitoso o problema da tuberculose pulmonar.

Apático o povo, inexistente um plano de profilaxia, submetido o tratamento a práticas equivalentes a crendices, o contágio livre propagava-se pelos recantos da terra portuguesa, quase aceito como fado rigoroso impossível de evitar.

O mais prestigioso mestre de medicina morre vítima da doença sem despertar alarme nos que o desagravaram com discursos à beira da campa. Revolta e ardor para entrar em luta contra o flagelo nenhum manifesto: a classe dos defensores da saúde, tão resignados como os coveiros, ao desaparecimento de multidões de ano para ano em acréscimo.

Foi nesse instante crítico de desolação que a Rainha D. Amélia, então na maior altura da sua graça e prestígio, depois de ouvido parecer de conselheiros prudentes, decidiu abrir campanhas contra o perigo ameaçador da raça, dizimador da população inerme. Lançando brado logo ouvido e secundado pelos ricos e poderosos juntou de subscritores quantia volumosa como poucas antes se viram. E sem tardar iniciou a obra de combate nos termos que lhe indicaram com a abertura do primeiro dispensário, de intento saneador, para tratamento e propagando profilática nunca antes executada.

Fui um dos médicos chamados a trabalhar na consulta diária aberta num rez-do-chão da Rua do Alecrim. A frequência breve cresceu a volume incomportável que absorvia toda a manhã aos poucos aplicados a atendê-la.

Dos chefes e subordinados então presentes ao serviço de dar os primeiros passos, suponho ser o único restante.

A Caridosa Senhora D. Amélia, Rainha de Portugal em exercício, visitava-nos com frequência durante as consultas, assistia e acarinhava os doentes maternalmente.



Para testemunhar o intenso zelo dispendido nessa quadra por quantos cooperaram na obra incipiente achamo-nos apenas dois, o mais alto e o ínfimo, a Rainha e eu, porque todos os mais a Morte levou.

Recordo com emoção essa quadra que também foi de luta, não apenas contra a desventura insana que afligia o povo português, mas com grande dó o confesso, contra a perversidade de opositores erguidos aonde menos deveria esperar-se.

Médicos combateram o exercício da Assistência Nacional aos Tuberculosos com anedotas e chufas à moda lisboeta, amesquinhando a prática escolhida e atirando como uma pedra aos empenhados no programa, a injúria «dêem-lhe bifos e deixem-se de conversas».

O estúpido enxovalho significava que os providos de uma peza de alcatra não morriam da peste branca, só os desguarnecidos da sua ração diária seriam vítimas do contágio, pelos mesmos desconsiderado como principal inimigo.

Desconcerto mais atrabiliário nunca se vira.

Corria então o advento do ideal republicano e na base da absurda invectiva andava intento político.

Apezar do inclemente combate a obra prosperou por falta de valor activo dos que tentaram desprestigiá-la sem resultado que impedisse a rota gloriosa até hoje percorrida.

Haja agora a franqueza de dizer que à propaganda de oposição assente no bife profilático não respondeu outra infelizmente ainda por fazer com o fervor preciso, que apontasse o contágio, vindo da promiscuidade descautelada, como importante e principal agente de difusão do mal' devastador. Quase parece que o «dêem-lhe bifos» daquele tempo deixou mócega nas consciências.

Esta impressão que me ficou gravada na memória não a posso ocultar sempre que diante se ergue o caso de sanidade ainda à espera do ataque decisivo que o ponha inane. O povo português continua aguardando que o instruem da verdade com ânimo resolutivo e certo da vitória.

A tuberculose difusa não é problema indestrutível desde que o ataquem com a tenacidade e vigôr aplicado a outras epidemias. Um dia será, quando Portugal fôr a terra de sanidade que esta voz já débil pediu com insistência no seu meio século de médico.

Tal o voto do que no largo tempo decorrido nunca perdeu a esperança na boa forma sanitária de Portugal.

De muitos torpes vícios de hygiene, combatidos com denodo, bastos se viram desaparecer.



A mesma fé leva a confiar na eliminação de outros que ainda desconfortam a inteligência.

O asserto não pretende significar ou diminuir o alcance do trabalho realizado nestes cincoenta anos pela A. N. T.

A difusão de Sanatórios e Dispensários de norte a sul do país, em cumprimento do programa inicial presta serviços que nenhuma estultícia conseguiria negar.

O que ainda se pede não rebaixa a empresa em movimento.

Agrada recordar que da Consulta de Doenças de Crianças que muitos anos dirigi na A. N. T. saiu a Campanha de Protecção à Infância batida há quarenta anos, com exito bem visível para quantos o queiram entender.

Da mesma fonte procederá a acção que um dia vencerá a Peste Branca, fazendo de Portugal a terra limpa, bela e sã, desejada pelos crentes na perpetuidade da Ocidental Pátria Lusitana.

No Cincoentenário agora decorrido o sobrevivente da batalha inicial deseja que a grande obra se complete com a Campanha de Instrução Popular, definindo a promiscuidade e contágio consequente como o mais terrível agente de difusão da tuberculose.

Por esse objectivo ele combate desde longa data e nele insiste ainda, ao chegar ao termo da vida activa.

a) *Samuel Maia*



## O primeiro Sanatório de Tuberculose Pulmonar da A. N. T.

No programa inicial da S. M. a Rainha, foi prevista, como já se disse, a criação de Sanatórios em clima de altitude e, logo que as possibilidades o permitiram, foi cometido à Comissão dos Estudos e Estatística, da presidência do Prof. Moreira Júnior, o encargo de escolher local adequado para essa construção.

Desde há anos vinha já realizando os seus estudos sobre o clima da Guarda o delegado de Saúde, Dr. Lopo de Carvalho, cujos trabalhos tinham já sido comunicados no Congresso Nacional da Tuberculose de 1895, em Coimbra.

A Comissão aprovou o local que o distinto médico havia indicado e, para dar seguimento ao projecto, foram adquiridas as quintas denominadas do Chafariz e do Pina, numa área total de 270.000m<sup>2</sup>, nos subúrbios da cidade da Guarda. Por iniciativa do Dr. Lopo de Carvalho, que entusiasmadamente se dedicara ao serviço da A. N. T., foram os terrenos transformados num vasto parque, adornado de árvores ornamentais e de abrigo e que é hoje um dos mais belos do país. A construção do Sanatório teve início em 1904 e terminou em 1907, sendo inaugurado esse modelar estabelecimento em Maio desse ano, com a presença da Família Real, do Governô e outras personalidades.

A direcção foi confiada ao Dr. Lopo de Carvalho que deixou assinalados, nesse lugar, os mais relevantes serviços, como tisiologista eminente. Foram seus colaboradores os Drs. Amândio Paul, Mário Cardoso e o actual Director, Ladislau Patrício que nos enviou o artigo seguinte, sobre

### O SANATÓRIO SOUSA MARTINS

O «Sanatório Sousa Martins» fica situado a sudoeste da cidade da Guarda, num vasto recinto fechado de 27 hectares e a 1.039 metros de altitude, acima do nível do mar.



Foi inaugurado em 1907, na presença do rei D. Carlos I e da rainha D. Amélia, de Portugal, sendo a rainha a sua egrégia fundadora.

O tratamento da tuberculose pulmonar em clima de altitude goza ainda hoje de justificada fama, a despeito da opinião discordante dum reduzido número de inconformistas que baseiam a cura dessa temível doença no exclusivo emprêgo dos modernos processos mecânicos da colapsoterapia.

Adoptando a classificação dos climas proposta por Weber e fundada no estado higrométrico da atmosfera, o clima da Guarda, que possui uma humidade relativa de 68°,9 (média anual), está dentro dos limites assinalados aos climas de *secura média* (de 55° a 75°), afasta-se bastante dos de *humidade média* (de 75° a 90°) e aproxima-se — nos três meses de verão, sobretudo — dos climas ideais de grau *muito seco* (abaixo de 55°). A temperatura desce por vezes, no inverno, a 8 e a 10 graus negativos.

É a época salutar das neves e das geadas.

O clima pròpriamente do sítio do Sanatório mostra-se sempre menos rude que o da cidade. Trata-se evidentemente dum caso típico de clima local: pequena unidade geográfica, ou microclima. Com efeito, «basta muitas vezes a disposição duma colina, como explica Martinet, ou a proximidade duma floresta, para diferenciar duas estações vizinhas».

\* \* \*

O malogrado professor Armando Narciso, do «Instituto de Climatologia Médica de Lisboa», escreveu um dia o seguinte: «A Guarda, a mil e poucos metros, é uma estância de altitude não exagerada, bem abrigada das correntes aéreas quentes e sêcas do sul, abrigada, ainda que pior, das correntes aéreas de termalidade vária, mas sempre sêcas, de leste, e das correntes aéreas frias e quase sempre húmidas do norte, está aberta às correntes aéreas do oeste, recebendo atenuadas as influências do Atlântico. Pela sua altitude e pela sua situação, a Guarda possui um clima alpino atenuado, bem mais atenuado que o clima da Serra da Estrela, como se pode provar, comparando as suas médias meteorológicas. O frio é menos intenso, os ventos mais moderados, as chuvas menos abundantes. Aqueles doentes que possam aproveitar com uma estimulação forte, dum clima rude de grande altitude, podem procurar as regiões mais altas e mais expostas da Serra, a aí encontrarão remédio mais enérgico. Mas infelizmente esses doentes são em pequeno número. Os outros, que precisem de clima de altitude, mas que o não possam suportar tão rude, encontram na Guarda a sua estância de escolha».

\* \* \*

Da amenidade do parque e dos jardins, à sombra acolhedora das grandes árvores, nas alamedas sossegadas e solitárias, o doente frue no «Sanatório Sousa Martins» aquela calma e aquele repouso indispensáveis para uma evolução favorável da enfermidade.

Dali se disfrutam, do alto dos seus Pavilhões e dos seus rochedos, — sobranceiros aos vales e aos montes que formam a vasta cordilheira dos Herminios — as mais formidáveis cenas da Natureza: dias de sol ofuscantes; manhãs de límpido cristal; noites argêntas, de luar algido, em Janeiro, ou de cariciosa frescura, em Agosto; cavas espessuras de treva densa nas profundas noites sem lua, com o firmamento constelado de estrêlas ou toldado de nuvens caliginosas; o sublime quadro dos nevoeiros subjacentes que repousam nos abismos vertiginosos; o sudário deslumbrante da neve que amortalha os cumes e as ravinas; e o assombroso espectáculo das trovoadas trágicas e dos desgrenhados vendavais, estupendos na sua estranha e alucinante beleza!...

Não é, porém, sòmente sob o aspecto geográfico e meteorológico que essa vigorosa paisagem desenrolada diante dos nossos olhos pode interessar quem a contempla com alma. Aquilo é conjuntamente um largo teatro de sugestões históricas, um trecho, por assim dizer, ainda palpitante de algumas das mais dramáticas páginas da nossa vida nacional. Por ali andaram peitos lusos em guerra acêsa com as hostes castelhanas e se desencadearam também lutas fratricidas entre compatriotas. Reis, príncipes, cortezãos, prelados e homens de armas pisaram aquele solo alcantilado e bendito. Muitos deles acordaram com seus gritos bélicos os ecos pavorosos da Serra, e regaram com seu sangue heróico esses caminhos e algares. Podemos imaginar que vamos assistir ainda aos mil lances variados e arriscados das caçadas reais ao javali e ao lince ou lobo cerval... Podemos figurar, enfim, que vamos ver surgir dum momento para o outro, do recôncavo dum penedo, o aio de D. Afonso Henriques, Egas Moniz, a dar combate ao urso branco, tão vulgar ali naquelas eras como ainda hoje no polo...

\* \* \*

Depende o «Sanatório Sousa Martins» do Instituto de Assistência Nacional aos Tuberculosos, — da velha A. N. T. Procura e procurou sempre essa Instituição, atravez de vários organismos que sustenta, amparar a pobreza da enorme maioria dos seus doentes. É pois uma



autêntica Instituição de beneficência, considerada oficialmente de utilidade pública e protegida como tal pelos poderes do Estado. Bem merece ela, de facto, essa protecção, o amparo de todos os portugueses e o justo preito da Nação reconhecida, pelos relevantes serviços que há cincoenta anos vem devotadamente prestando, — e continuará a prestar, certamente, em escala cada vez maior!

*Ladislau Patricio*







## Dr. Carteado Mena

Com a morte deste médico ilustre, desapareceu uma das mais prestigiosas figuras da sociedade portuense e o Instituto de Assistência Nacional aos Tuberculosos perdeu um dos seus mais valiosos colaboradores.

Logo, desde o início da sua carreira profissional, se dedicou à campanha contra a Tuberculose, trabalhando no Dispensário com Arantes Pereira, a quem sucedeu na direcção desse estabelecimento, devotando-lhe todo o seu entusiasmo.

Membro da comissão de propaganda da A. N. T., desempenhava actualmente o lugar de inspector dos dispensários.

As suas excelentes qualidades de carácter e os primores da sua educação esmerada grangearam-lhe o respeito e a simpatia de quantos com ele tinham de tratar.

O I. A. N. T. honra-se, deixando exaradas, no seu Boletim, estas palavras de profundo sentimento.



# 1949

## Armamento anti-tuberculoso existente em Portugal

	Número	N.º de leitos
Sanatórios e casas de saúde . . . . .	34	4.656
Hospitais e enfermarias . . . . .	11	465
Total de leitos . . . . .		5.121
Preventórios . . . . .	6	579
Dispensários . . . . .	83	

## Armamento anti-tuberculoso privativo do I. A. N. T.

### Sanatórios de doenças pulmonares

Nome dos estabelecimentos	N.º de leitos
Sousa Martins. . . . .	184
D. Carlos I . . . . .	559
D. Manuel II . . . . .	500
Dr. João d'Almada . . . . .	132
Distrital de Viseu . . . . .	66
Dr. Rodrigus de Gusmão . . . . .	60
Dr. António Vaz de Macedo. . . . .	32
Ajuda . . . . .	122
Flamenga. . . . .	100
Total . . . . .	1.785

### Sanatórios Marítimos

Outão. . . . .	400
Dr. José d'Almeida . . . . .	102
Gelfa . . . . .	95
Total . . . . .	597

### Preventórios

Parede . . . . .	79
Funchal . . . . .	200
Total . . . . .	279
Total Geral. . . . .	2.661

Dispensários anti-tuberculosos . . . . . 65



## Movimento dos Sanatórios durante o ano de 1948

SANATÓRIOS		Doentes existentes em 1/1/48	Doentes admitidos em 1948	Doentes tratados	Doentes saídos	Doentes existentes em 31/12/48	
Doenças pulmonares	Sanatório Sousa Martins	169	198	367	194	173	
	» D. Carlos I	123	701	824	486	338	
	» Funchal...	141	193	334	200	134	
	» D. Manuel II	12	181	193	63	130	
	» Abravezes	70	61	131	51	80	
	» Portalegre	57	58	115	60	55	
	» Covilhã...	27	43	70	45	25	
	» Ajuda	104	169	273	195	78	
		TOTAL...	703	1.604	2 307	1.294	1.013
	Mártimos	Sanatório Outão	347	153	500	162	338
» Carcavelos		92	9	101	29	72	
» Gelfa		54	0	54	9	45	
		TOTAL...	493	162	655	200	455
	TOTAL...	1.196	1.766	2 962	1.494	1.468	

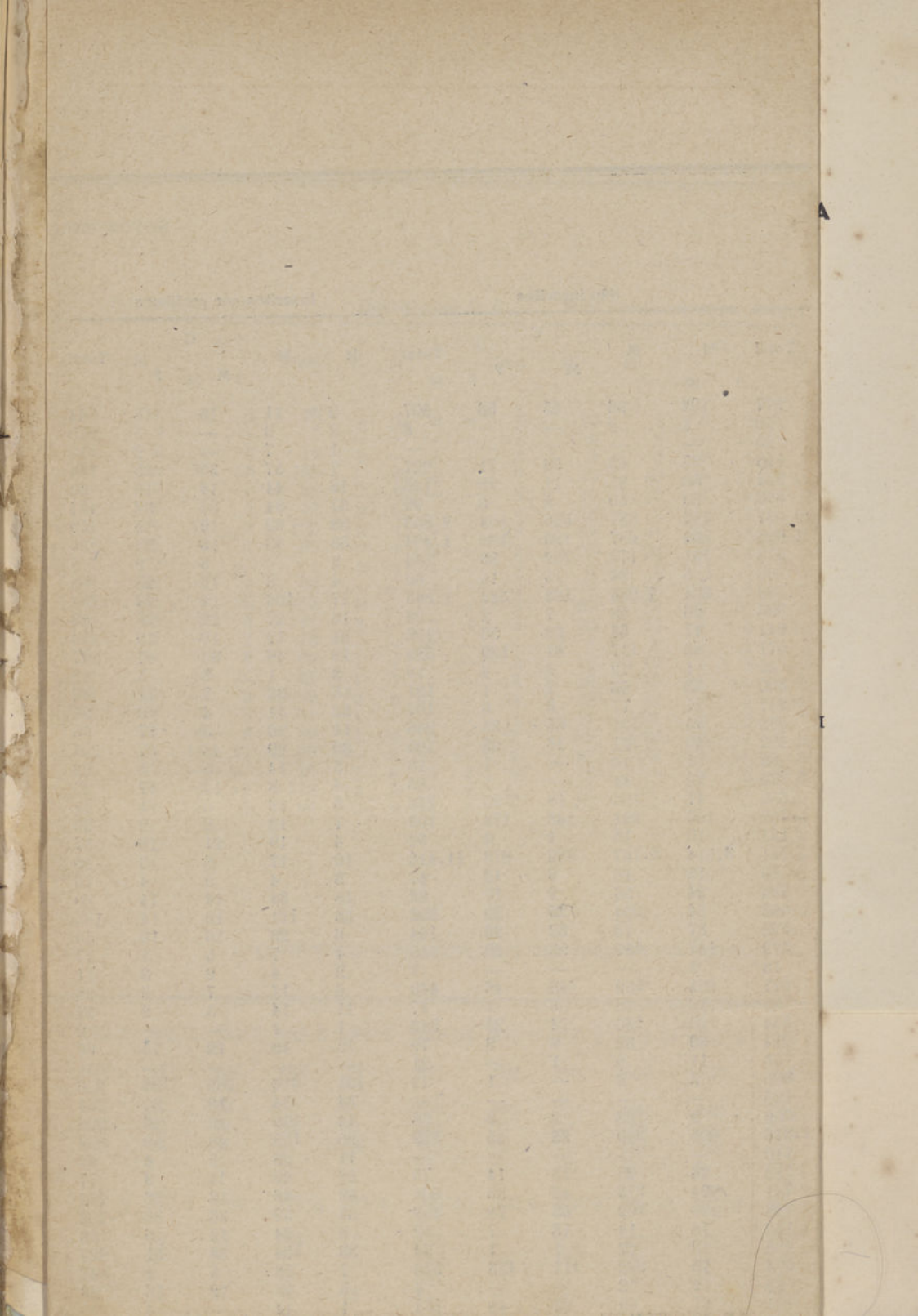
## Estado dos doentes à entrada

LESÕES		Sousa Martins	D. Carlos I	Funchal	D. Manuel II	Abraveses	Portalegre	Covilhã	Ajuda	TOTAL	%
		Unilaterais									
Cav. ...	{ c/b ... s/b ...	29	156	39	51	4	3	16	12	310	19,3%
		6	35	5	4	0	2	0	7	59	3,7%
Não cav. ...	{ c/b ... s/b ...	0	19	28	4	1	1	3	8	64	4,0%
		20	64	42	27	1	7	5	16	182	11,3%
TOTAL...		55	274	114	86	6	13	24	43	615	38,3%
Bilaterais	Cav. unic....	54	135	37	37	21	9	7	27	327	20,4%
		18	36	0	2	8	5	0	7	76	4,8%
	Cav. bil. ...	27	156	15	48	23	13	10	45	337	21,0%
		4	23	0	0	0	1	0	6	34	2,1%
Não cav. ...	{ c/b ... s/b ...	1	29	19	2	0	5	0	20	76	4,7%
		39	25	8	6	3	12	2	16	111	6,9%
TOTAL...		143	404	79	95	55	45	19	121	961	59,9%
Formas latentes ...		0	23	0	0	0	0	0	5	28	1,8%
TOTAL...		198	701	193	181	61	58	43	169	1.604	100,0%

## Estado dos doentes à saída

SANATÓRIOS		Curados ou Via de cura	Melhorados	Estacionários	Piorados	Falecidos	TOTAL
Sanatório Sousa Martins	...	38	88	32	19	17	194
» D. Carlos I	...	22	250	120	15	79	486
» Funchal	...	14	103	34	13	36	200
» D. Manuel II	...	5	22	17	10	9	63
» Abravezes	...	7	14	14	8	8	51
» Portalegre	...	9	24	9	9	9	60
» Covilhã	...	13	20	7	1	4	45
» Ajuda	...	15	66	60	33	21	195
	TOTAL...	123	587	293	108	183	1.294
Sanatório Outão	...	131	20	5	3	3	162
» Caravelos	...	12	13	3	0	1	29
» Gelfa	...	1	6	0	0	2	9
	TOTAL...	144	39	8	3	6	200
	TOTAL...	267	626	301	111	189	1.494
	%	17,87	41,90	20,15	7,43	12,65	100,0





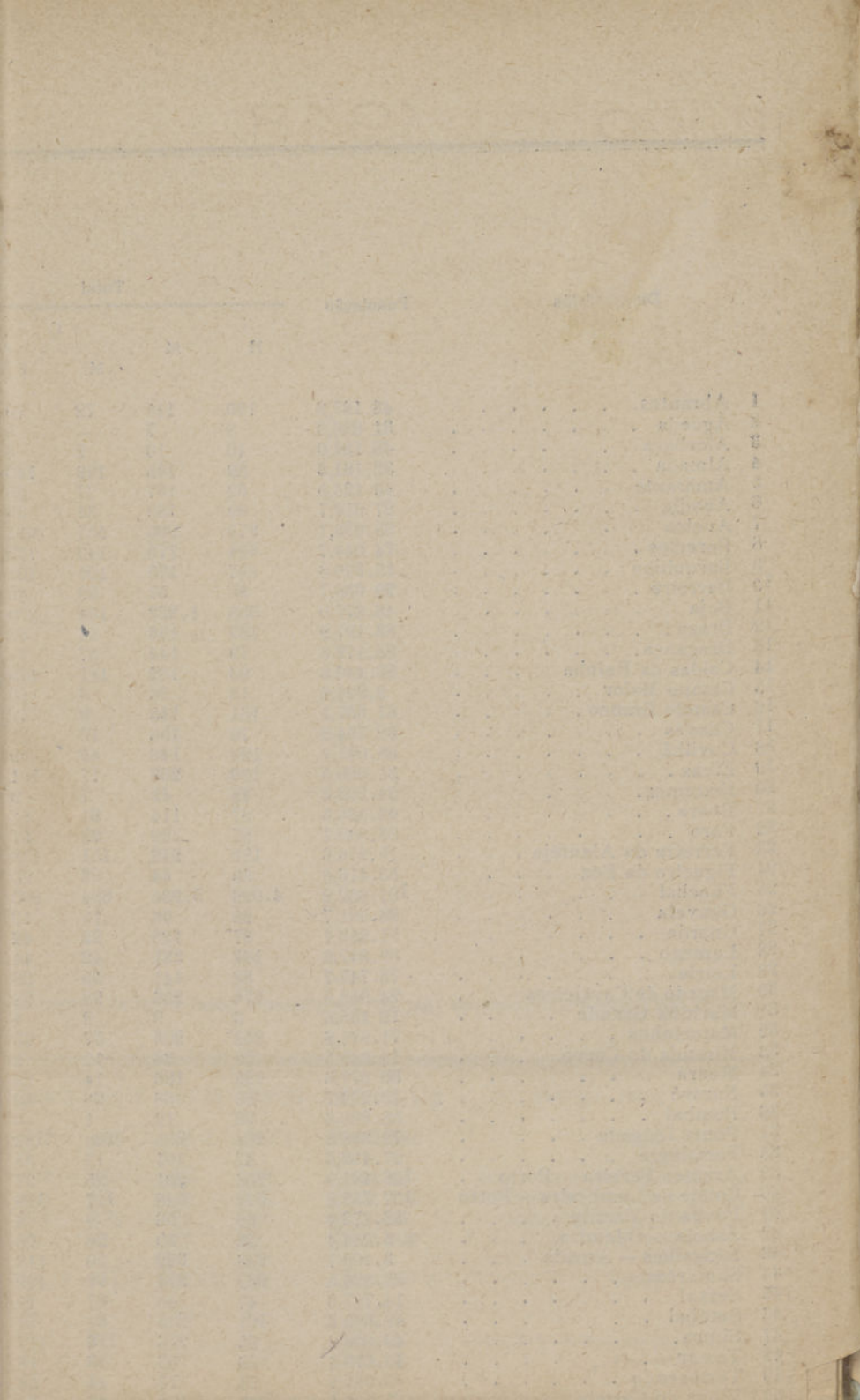
## Estado dos doentes à saída

SANATÓRIOS		Curados ou via de cura	Melhorados	Estacionários	Piorados	Falecidos	TOTAL
Sanatório Sousa Martins	...	38	88	32	19	17	194
» D. Carlos I	...	22	250	120	15	79	486
» Funchal...	...	14	103	34	13	36	200
» D. Manuel II...	...	5	22	17	10	9	63
» Abravezes	...	7	14	14	8	8	51
» Portalegre	...	9	24	9	9	9	60
» Covilhã	...	13	20	7	1	4	45
» Ajuda	...	15	66	60	33	21	195
	TOTAL...	123	587	293	108	183	1.294
Sanatório Outão	...	131	20	5	3	3	162
» Carcavelos	...	12	13	3	0	1	29
» Gelfa	...	1	6	0	0	2	9
	TOTAL...	144	39	8	3	6	200
	TOTAL...	267	626	301	111	189	1.494
	%	17,87	41,90	20,15	7,43	12,65	100,0











# Conta da gerência do ano económico de 1948

## RECEITA LIQUIDADADA

Rendimentos de Bêns Próprios		
Juros e dividendos . . . . .	13 557\$03	
Rendas de prédios rústicos e urbanos . . . . .	69.911\$90	83 468\$93
<hr/>		
Auxílios do Estado e de Corpos Administrativos		
Auxílios do Estado . . . . .	22.963.977\$30	
Auxílios dos Corpos Administrativos:		
Receita consignada no § 1.º do Artigo 15.º do Decreto-lei n.º 23.847 de 14-5-1934 à construção e manutenção dum Pavilhão para tuberculosos na Madeira . . . . .	1.435.173\$50	
Subsídios de Corpos Administrativos para auxílio das despesas de manutenção dos Dispensários Anti-tuberculosos . . . . .	47.600\$00	24.446 750\$80
<hr/>		
Reposições, Reembolsos e outras Receitas		
Tratamento de pensionistas e porcionistas . . . . .	3.174.981\$05	
Rendimentos diversos . . . . .	374 343\$07	
Diversas receitas . . . . .	1.468.075\$34	
Reposições de despesa . . . . .	891.482\$93	5.908.882\$39
<hr/>		
	<u>30 439.102\$12</u>	

## DESPESA LIQUIDADADA

### Cap.º 1.º

#### DESPESAS COM O PESSOAL

Remunerações certas ao pessoal em exercício . . . . .	3.781.180\$70	
Remunerações certas ao pessoal fora do serviço . . . . .	11.858\$00	
Remunerações acidentais . . . . .	825\$00	
Outras despesas com o pessoal . . . . .	1 055.387\$51	

#### DESPESAS COM O MATERIAL

Construções e obras novas . . . . .	329 611\$21	
Aquisições de utilização permanente . . . . .	1.754 674\$97	
Despesas de conservação e aproveitamento do material . . . . .	543.879\$63	
Material de consumo corrente . . . . .	2.565.639\$46	

#### PAGAMENTO DE SERVIÇOS E DIVERSOS ENCARGOS

Despesas de higiene, saúde e conforto . . . . .	391.207\$21	
Despesas de comunicações . . . . .	257.972\$50	
Encargos das instalações . . . . .	16.877\$15	
Encargos administrativos . . . . .	7 703.677\$77	
Outros encargos . . . . .	411 061\$80	
Assistência aos Funcionários Civis Tuberculosos . . . . .	8.522.098\$60	27 345.951\$51

### Cap. 2.

#### HOSPITAL SANATÓRIO DO FUNCHAL

#### DESPESAS COM O PESSOAL

Remunerações certas ao pessoal em exercício . . . . .	122.730\$60	
Outras despesas com o pessoal . . . . .	32.825\$90	

#### DESPESAS COM O MATERIAL

Aquisições de utilização permanente . . . . .	81.611\$75	
Despesas de conservação e aproveitamento do material . . . . .	121 879\$09	
Material de consumo corrente . . . . .	133.836\$99	

#### PAGAMENTO DE SERVIÇOS E DIVERSOS ENCARGOS

Despesas de higiene, saúde e conforto . . . . .	22.224\$25	
Despesas de comunicações . . . . .	25 053\$40	
Encargos administrativos . . . . .	727 920\$56	
Outros encargos . . . . .	12 535\$30	1.280 627\$84

### Cap.º 3.º

Instalação dos Serviços de B. C. G. . . . .		13.865\$00
---	--	------------

Saldo . . . . .		1.798 657\$77
-----------------	--	---------------

30.439 102\$12

Saldo . . . . .		1.798.677\$77
-----------------	--	---------------

#### Abate-se ao saldo:

Diferença entre a receita liquidada, com destino especial, e a despesa liquidada por conta dessas receitas:

Receita liquidada . . . . .	11.156.382\$85	
Despesa liquidada . . . . .	10.122.478\$55	1 033 904\$30

Saldo na gerência . . . . .		<u>764.753\$47</u>
-----------------------------	--	--------------------





# Fábrica Portugal

S. A. R. L.  
**LISBOA**



## **MOBILIÁRIO METÁLICO**

EM TODOS OS GÉNEROS

*Instalações completas para :*

—  
**Mobiliário moderno**  
P A R A  
**ESCRITÓRIOS**  
**ESCOLAS**  
**BIBLIOTECAS**  
—

**CLINICAS**  
**HOSPITAIS**  
**SANATÓRIOS**  
**CINEMAS**  
**HOTÉIS**  
**ESPLANADAS**

**Salas de exposições:** Rua Fêbo Moniz, 2 a 20- Praça dos Restauradores, 49 a 57  
Avenida da República e Elias Garcia-Rua da Graça, 82 e 84



Novos Horizontes  
na Terapêutica da Tuberculose...

# AMINOSAN

ACIDO P. AMINO SALICILICO  
**A Z E V E D O S**

## APRESENTAÇÃO

- Frascos de 125 e 250 drageas de 0,35 g de ácido p. amino salicilico (sal sódico).
- Frascos de 240 cm.<sup>3</sup> de solução a 30% de ácido p. amino salicilico (sal sódico).
- Caixas de 6 ampolas de 10 cm.<sup>3</sup> de solução a 20% de ácido p. amino salicilico (sal sódico).

## INDICAÇÕES TERAPÊUTICAS

### I - COMO TUBERCULOSTÁTICO GERAL

Tuberculose Pulmonar • Tuberculose Renal  
Tuberculose Gastro-intestinal

### II - COMO TUBERCULOSTÁTICO LOCAL

Empiemas Tuberculosos • Cavernas Pulmonares  
Pleurisias sero-tuberculosas

**LABORATÓRIOS AZEVEDOS**

SOCIEDADE INDUSTRIAL FARMACÊUTICA

# Aminacyl

WANDER

SAL SÓDICO DO ÁCIDO  
PARA AMINO-SALICILICO

O novo tratamento da Tuberculose

FRASCOS DE 250 DRAG.  
a 0,34 gr.

CAIXAS DE 3 AMPOLAS  
de 10 c.c. a 20<sup>0/0</sup>

Literatura e bibliografia à disposição  
da Ex.<sup>ma</sup> Classe Médica

---

**Sociedade Portuguesa de Produtos Wander, Lda.**

AVENIDA SIDÓNIO PAIS, 24, r/c. Dto.

LISBOA



# **Dominguez & Lavadinho, Lda.**

---

PAPELARIAS nacionais e estrangeiras  
TINTAS DE ESCREVER nacionais e estrangeiras  
FABRICA de sobrescritos, manipulação de pa-  
péis de escrever e sacos de papel, PAPÉIS QUI-  
MICOS, Lápiz, artigos de escritório e de desenho



**SEDE : R. da Assunção, 79 a 85 e R. dos Sapa-  
teiros, 135 a 143—Telefones : 2 5201/02**

**FÁBRICA : Av. Casal Ribeiro, 18 a 24 — LISBOA**

## **Sociedade Lusitana de Destilação, Lda.**

Alcool rectificado, Extra neutro 95/96°  
Alcool desnaturado

**Fábrica em Riachos — Torres Novas**

Aguardentes vinicas 77°  
Aguardentes velhas — Vinhos generosas  
Rialto Brandy

**Armazens e destilaria em Torres Vedras**

Telef. T. V. 10

ESCRITÓRIOS:

Largo de Santos Santos, 13-1.º Esq.º LISBOA

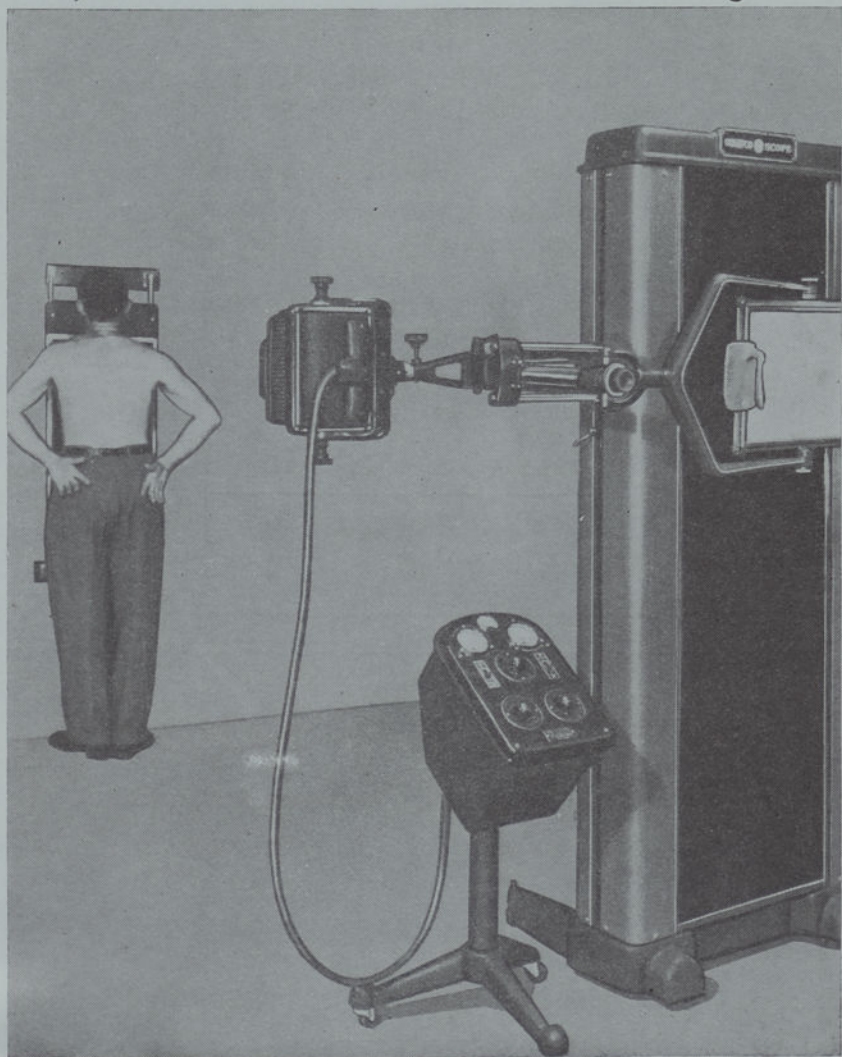
Telefones 61168 e 61169 — Teleg. Alcool

Rua das Carmelitas, 100, 2.º-Dt.º PORTO

Telefone 22913

# « GEMPCOSCOPE » . . .

é o mais moderno aparelho de raios X para radioscopia e radiografia, Tipo Dispensária



Instalações de raios X para todas as finalidades. Aparelhagem de electromedicina e material médico-cirúrgico para todas as aplicações.

EXPOSIÇÃO PERMANENTE

LISBOA  
R. DO NORTE, 5 e R. DAS FLORES, 115  
TELEFONES 2 8135 e 3 2916/7

PORTO  
RUA Sã DA BANDEIRA, 585  
TELEFONE 2 5907



# União Comercial de Louças e Vidros, Lda.

Casa Fundada em 1922

EXPEDIÇÕES DE LISBOA  
OU DIRECTAMENTE DAS FÁBRICAS

Faiança, Porcelana, Esmalte, Alumínio,  
Cutelarias, Vidraria, Garrações, Vasilhame,  
Metais e todos os artigos de ménage

VIDRAÇA LISA, FOSCA E Prensada e todos  
os artigos de vidro para construções

FORNECIMENTO  
para Hospitais, Casas de Saúde e Quartéis

Telef. 20238 | VENDAS POR ATACADO | LISBOA  
PREÇOS DAS FÁBRICAS |  
77 - RUA DA GLÓRIA - 87 (Junto à Avenida da Liberdade)

# Aparelhos de Raios X

Diatermia — Ondas ultra-curtas, etc.

AMPOLAS  
CHASSIS



VÁLVULAS  
E CRANS

E TODOS OS DEMAIS ACESSÓRIOS

EM DEPÓSITO PARA ENTREGA IMEDIATA

*Sociedade Comercial Mattos Tavares, Lda.*

Rua dos Sapateiros, 39-2.º — LISBOA

Telefones: 25701 - 25704

Telegramas: Ustamante

*A mais antiga e completa casa da especialidade, que fornece  
os mais distintos Clínicos Radiologistas, Hospitais Cívicos  
e Militares, Dispensários, Misericórdias, etc.*

# SIEMENS REINIGER WERKE — A. G.

ERLANGEN (ALEMANHA)

APARELHOS DE ROENTGEN-DIAGNÓSTICO  
APARELHOS DE ROENTGEN-TERÁPIA

ELECTROMEDICINA  
ELECTRODENTÁRIA  
ELECTROCARDIOGRAFOS  
APARELHOS DE TERAPIA POR ULTRA-SOM



Representantes exclusivos em Portugal e Colónias:

SIEMENS REINIGER S. A. R. L.

LISBOA

Rua de Santa Marta, 33-1.º

Telefone 44329

Teleg. *Electromed*

PORTO

Rua Cândido dos Reis, 116

Telefone 21106

Teleg. *Electromed*



Fornecedores de várias instalações a funcionar no  
INSTITUTO PORTUGUÊS DE ONCOLOGIA  
e muitos outros Hospitais, Sanatórios, etc.





# HALIBORANGE

A MELHOR FORMA DE TOMAR  
AS VITAMINAS A, C E D

*Saboroso tónico vitamínico natural concentrado  
de óleo de fígado de halibute e sumo de laranja,  
para o tratamento do raquitismo, debilidade e  
desnutrição, etc.*

FOLHETOS AOS EXCELENTÍSSIMOS CLÍNICOS  
Frascos de 140 e 280 gramas

Representantes: Coll Taylor, Lda. — Rua dos Douradores 29-1.º — LISBOA

ALLEN & HANBURY LTD, LONDON, E.2.

UM NOVO PRODUTO BARRAL

# Tanileve

COMBINAÇÃO ORGÂNICA DE ÁCIDO TÂNICO E LEVEDURA.  
ANTIDIARREICO DE ACÇÃO RÁPIDA E SEGURA

Indicado nas diarreias sintomáticas  
Diarreias dos tuberculosos, da febre tifoide, etc.

Adultos: 1 a 2 comprimidos, 3 a 4 vezes ao dia.

Crianças: 1/2 a 1 comprimido, uma ou mais vezes ao dia.

*Tubos de 10 e 20 comprimidos de 0,50 gr.*

LABORATÓRIOS DA FARMÁCIA BARRAL

Representantes no Porto: QUÍMICO-SANITÁRIA, LDA.





LISBOA —————  
Tipografia Adolfo Mendonça, Ltd.  
————— Rua Bernardino Costa, 46